



P R O G R A M A

**EXPORTAR
PARA
EMPREGAR**



INSTITUTO
de Altos Estudos
da UGT



UNIÃO GERAL DOS
TRABALHADORES



Exportar para Empregar

Proposta da UGT para uma aliança estratégica

Aliança para superação da crise

Diante da crise econômica empresários e trabalhadores precisam estabelecer alianças táticas para a sua superação.

Se bem sucedida poderá ser prolongada para alianças estratégicas, de longo prazo e espectros mais amplos.

Entendimentos comuns

Acreditamos que todos concordam que a saída para crise está do lado da demanda, requerendo a dinamização de um dos componentes para puxar os demais e restabelecer o círculo virtuoso do crescimento econômico.

O consumo interno das famílias perdeu a força intrínseca, não podendo contar a curto prazo, com recursos governamentais, para a sua reanimação, ficando à reboque do crescimento dos demais fatores.

O investimento é uma alternativa, mas que também fica contido diante das incertezas em relação ao consumo interno.

O Brasil tem uma enorme carência de investimentos em infraestrutura, mas o aumento da oferta não irá gerar, automaticamente, a demanda.

O impacto efetivo será demorado

A demanda dos trabalhadores deve puxar o crescimento

1. A retomada do crescimento econômico depende da retomada da demanda das famílias, puxando um crescimento da produção, sem causar inflação.
2. A demanda das famílias decorre da renda dos trabalhadores. Para isso ele precisa ter emprego e salários dignos.
3. Para manter e ampliar os empregos as empresas precisam vender e produzir.
4. O circuito interno de produção e geração de renda, se enfraqueceu e depende do ingresso de recursos externos.

Pelo ingresso de capitais como investimentos diretos (IEDs);

Pelas exportações

A saída pela exportação

A exportação de commodities sustentaram as importações e o próprio crescimento, durante os últimos anos.

Com a baixa generalizada das cotações das commodities no mercado internacional, as exportações dessas perderam o papel de sustentador ou incentivador do crescimento da economia.

Resta a alternativa das exportações de produtos industrializados.

O aumento da renda das exportações pode promover a dinamização da economia nacional.

As duas grandes categorias de exportadores

As exportações de industrializados brasileiros poderão ser feitas tanto pelas subsidiárias de multinacionais, como de empresas nacionais.

As empresas nacionais precisam fazer um grande esforço de comercialização, participando de feiras, criando redes de comercialização e redes de pós venda, garantindo assistência técnica e reposição de peças, tudo suportado por esquemas adequados de financiamento.

As empresas multinacionais, na realidade, não exportam, mas transferem produtos de uma unidade nacional para outra em país distinto:

- Já contam nos países importadores a sua rede de comercialização e assistência técnica, e sua imagem.
- As decisões de transferência são tomadas pelas sedes e não pelos dirigentes regionais das subsidiárias.

Inserção nas cadeias globais

Não há viabilidade no aumento da escala de produção, condição essencial para o aumento da produtividade, sem um substancial e continuado aumento das exportações dos produtos industrializados.

Isso não será sustentável sem uma forte integração da indústria brasileira nas cadeias globais:

- O Brasil já está amplamente inserido nas cadeias globais de produção, mas como ponta final de montagem dos produtos para o mercado interno;
- A indústria brasileira precisa se inserir mais amplamente nas cadeias globais de suprimento.

Inserção na globalização é vender produtos brasileiros industrializados para todo o mundo.

Os grandes empecilhos

Instabilidade cambial:

- O industrial precisa importar partes e depois produzir e vender;
- Corre duplo risco cambial, envolvendo grandes variações.

Falta de financiamentos:

- Volumes disponíveis;
- Taxas
- Excesso de burocracia

O círculo virtuoso

Com maiores vendas no exterior, as indústrias vão produzir mais;

Para produzir mais terão que contratar mais trabalhadores e pagar os seus salários;

Com a renda dos salários os trabalhadores irão consumir mais e puxar a produção industrial para atendê-los;

A indústria está com capacidade ociosa e tem condições de atender a demanda, sem gerar inflação.

Para garantir a continuidade do crescimento da produção os capitalistas irão investir no aumento da capacidade produtiva.

Para atender aos investimentos, a indústria de máquinas e equipamentos irá vender mais, precisará produzir mais e contratar mais trabalhadores.

O que uma aliança estratégica pode trazer de benefício?

O propósito

O principal propósito de uma aliança é o de desenvolver e contribuir para a viabilização de um modelo de retomada do crescimento econômico brasileiro, baseado nos seguintes pontos:

- Aumentar a participação da indústria brasileira nas cadeias globais de suprimento, fornecendo partes, componentes e produtos finais para todo o mundo;
- Aumentar substancialmente a produção industrial, com investimentos em tecnologia e, concomitantemente, aumento dos empregos, melhorando a produtividade.

O modelo proposto pode ser resumido em uma frase e um lema:

- Voltar a indústria brasileira para o mundo;
- Exportar para empregar.

Estratégias

Para ampliar as exportações de industrializados três frentes principais deverão ser atacadas:

- A melhoria da competitividade das empresas brasileiras;
- Medidas governamentais;
- Quadro institucional.

Coalizão para competitividade

Acordar medidas para aumentar a produtividade do trabalho na produção de máquinas e equipamentos (ou dos bens de capital) sem prejuízo dos direitos dos trabalhadores:

- Ações para inovações nos processos produtivos;
- Introdução ou ampliação de automação e robotização;
- Ampliação das escalas de produção;
- Ampliação da oferta de técnicos especializados e qualificados para operar as inovações;

- Melhoria da qualificação dos trabalhadores em geral.
- Desenvolver estudos conjuntos entre o Instituto de Altos Estudos da UGT e outros entes que venham a compor a aliança.

Frente parlamentar

Mobilizar os parlamentares representantes ou associados aos trabalhadores para a discussão das medidas para viabilizar a reindustrialização;

Grito de Alerta

Divulgar manifesto conjunto a favor da reindustrialização;

Promover manifestações públicas a favor de:

- Juros reais compatíveis com as rendas da produção;
- Ampliação das fontes de financiamento adequadas aos bens de capital;
- Exigência de comprovação de trabalho decente nas máquinas e equipamentos importados;
- Redução da burocracia;
- Redução da carga tributária;
- Aceleração dos tratados com outros países, sempre preservando o trabalho decente.
- Assumir como lema das manifestações “Exportar para empregar”.

Ações conjuntas

As entidades parceiras deverão atuar no sentido de:

- Promover mudanças culturais no meio empresarial, sindicais e da sociedade para percepção e desenvolvimento de uma cultura de maior inserção da indústria brasileira nas cadeias globais de valor;
- Viabilizar medidas concretas de curto e médio prazos para melhoria da produtividade e consequente competitividade das empresas industriais.

Superar resistências ideológicas

Resistências ideológicas

A industrialização brasileira foi estabelecida e desenvolvida segundo uma visão nacionalista, consolidando uma cultura que gera resistência à multinacionalização dessa indústria.

Como a economia mundial se globalizou, com domínio das multinacionais no comércio internacional, a indústria brasileira tem duas opções básicas:

- Inserir-se no mercado global aceitando a multinacionalização, seja de origem estrangeira, como de origem brasileira;
- Resistir ao processo, sustentando o desenvolvimento industrial com base no mercado interno e Mercosul, em duas alternativas:
- Fechamento da economia, mediante barreiras tarifárias e não tarifárias;
- Abertura, o que dependerá de superávits comerciais gerados pela exportação de commodities.

As resistências empresariais

O processo histórico da industrialização, com as suas idas e vindas desenvolveu, no meio empresarial, três culturas que precisam ser vencidas:

- Orientação dos seus negócios predominante ou exclusivamente para o mercado interno, com alguma extensão para os mercados dos países vizinhos;
- Dependência das políticas, ações e sinalizações governamentais, com perda de iniciativas independentes;
- Suporte nas visões macroeconômicas, deixando de perceber os impactos setoriais.

Quem não está inserido nas cadeias globais de valor é a empresa industrial e não o Brasil:

- O “Brasil” é um indicador estatístico que demonstra o resultado das estratégias e ações empresariais.

A defasagem histórica

Os trabalhadores, através dos seus sindicatos e Centrais Sindicais tem se oposto ao modelo das plataformas de produção, por razões históricas, ideológicas e práticas.

Históricas, porque as multinacionais instalaram plataformas de exportação pelo mundo afora, valendo-se de trabalho precário, para serem competitivas;

No Brasil tentaram a sua implantação, com isenção de alguns direitos trabalhistas, retirando benefícios dos trabalhadores;

A razão ideológica é da visão de que a produção nacional deve ser destinada ao consumidor/usuário brasileiro e não em benefício de consumidor externo: de brasileiros para brasileiros.

As razões práticas estão na prática das multinacionais em priorizar a redução de custos, em detrimento dos trabalhadores, para serem competitivas nos mercados externos.

O nacionalismo empresarial

As empresas industriais nacionais também se opõe ao modelo de plataformas, porque essas são dominadas por multinacionais e elas tendem a trazer os seus fornecedores externos, desprezando os fornecedores nacionais.

Cadeia Global de Valor é uma construção teórica baseada numa realidade:

- As cadeias produtivas globais, organizadas e gerenciadas pelos multinacionais.

Fornecedores de multinacionais tem que se tornar também multinacionais.

Estratégias para superar as resistências ideológicas

Demonstrar aos resistentes a inviabilidade de continuidade do modelo nacionalista, seja através do fechamento da economia, como pela dependência da exportação de commodities.

- Demonstrar que a crise da indústria brasileira é decorrente do processo de semi-abertura, com dependência da exportação de commodities a preços elevados no mercado internacional.
- Além desse fator estrutural, o uso conjuntural do câmbio como instrumento para controle da inflação, num processo de “stop and go” provocou a desindustrialização.

Demonstrar que a queda das cotações internacionais das commodities inviabilizou a continuidade desse modelo e sua persistência levará ao atraso da oferta de produtos modernos, que dependem de importações.

Demonstrar que o mercado interno não tem dinâmica autônoma para sustentar o crescimento, sendo o seu enfraquecimento o responsável pela redução da produção e aumento do desemprego.

A compreensão da multinacionalização

As multinacionais se instalam no país, pelo interesse em participar da demanda nacional.

Ao se instalarem no país podem planejar apenas o atendimento ao mercado nacional, com eventual exportação de excedentes ou ter o mercado nacional, como âncora para uma plataforma de produção supranacional.

- Limitado ao mercado nacional, ela não tem muitas opções diante de um eventual enfraquecimento desse mercado.
- Como uma plataforma supranacional, por trabalhar com diversos mercados poderia compensar perdas, com outros mercados.

Elas se instalam trazendo a sua cadeia de suprimentos:

- A empresa nacional para se integrar nessa cadeia tem que se multinacionalizar.
- A resistência empresarial decorre da falta de financiamentos e apoio governamental.

O modelo a ser defendido

Os trabalhadores devem apoiar a implantação, pelas multinacionais, de plataformas supranacionais e não ficarem restrito à produção para o mercado interno, tendo em vista os seguintes objetivos:

Adoção de grandes escalas que facilitem a introdução de automação e robotização e, concomitantemente, maior volume de empregos:

- A produtividade deve ser alcançada pelo aumento relativamente maior da produção e vendas.
- Para isso terá que ir além do mercado nacional.
- A exportação não será apenas de excedente mas uma parte estrutural da destinação da produção.

A multinacionalização deverá ser também pela expansão das empresas nacionais.

Ir além das diretrizes da OCDE - OIT

Os trabalhadores conseguiram que a OCDE definissem um “manual de bom comportamento” das multinacionais, assumidas também pela OIT.

São diretrizes focadas no combate ao trabalho precário, uma das práticas predatórias das multinacionais, para ganho de competitividade.

- Prática essa que prejudica a imagem das multinacionais e que tem levado os trabalhadores e a esquerda a associar as multinacionais ao trabalho precário.

Não são diretrizes obrigatórias, mas facultativas que podem ser tornadas obrigatórias por legislação própria de cada país.

O Brasil adotou as diretrizes, em escalão inferior, estabelecendo apenas pontos de contato, para as denúncias.

Independentemente de serem multinacionais ou não, o Brasil tem legislação própria na defesa do trabalho decente.

Compromissos com os fornecedores e os trabalhadores

Os compromissos devem ser estabelecidos para médio (pelo menos 5 anos) e longo prazo (acima de 20 anos).

Com fornecedores:

- Desenvolvimento de fornecedores para qualidade e produtividade;
- Parceria para as inovações a serem utilizadas nos novos produtos;
- Contratos de fornecimento, com a cláusula “take or pay” ou similar;
- Apoio para exportação das peças e componentes para outras unidades da multinacional.

Com trabalhadores:

- Contratos com garantia de permanência mínima no emprego;
- Desenvolvimento de programas de capacitação e melhoria de qualificação;
- Obrigatoriedade de programa específico, prévio à implantação de inovações tecnológicas;
- Obrigatoriedade de trabalho decente em toda cadeia produtiva.

Produtividade e competitividade

A perda de competitividade dos produtos industriais brasileiros tem sido debitada pelos analistas macroeconômicos à baixa evolução da produtividade do Brasil, em relação a outros países, principalmente aos demais emergentes.

Alguns, açodadamente responsabilizam o suposto elevado custo do trabalho, como a causa da baixa competitividade.

Estudo da ABIMAQ, do qual reproduzimos as conclusões demonstra que o custo do trabalho no Brasil ainda é muito inferior ao de outros países.

Evolução da produtividade do trabalho

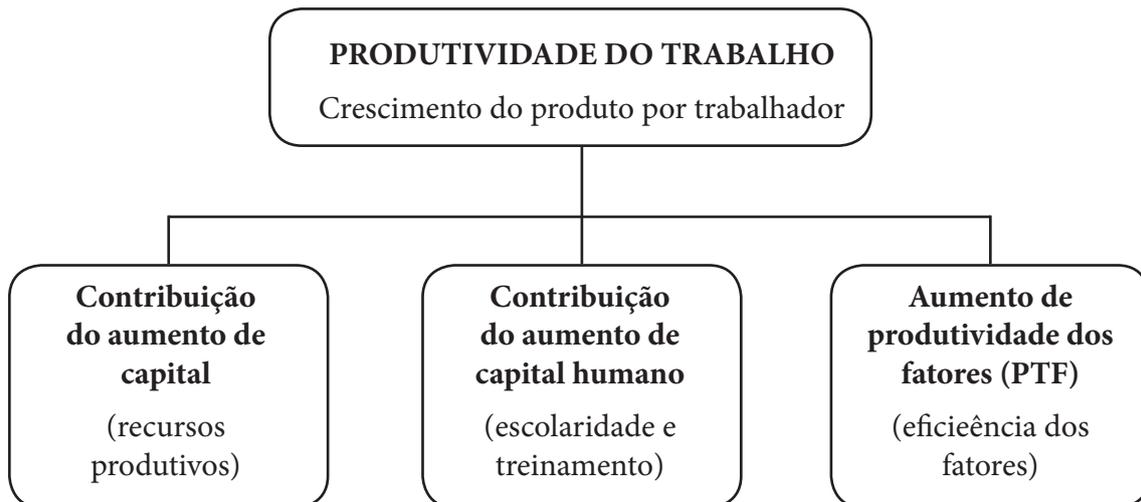
PAIS / REGIÃO	2001-2007		2008-2014	
	PIB	PRODUTIVIDADE	PIB	PRODUTIVIDADE
MUNDO	4,4	2,8	3,0	2,2
Economias maduras	2,7	1,8	1,1	0,9
Estados Unidos	2,4	1,5	1,1	0,9
Zona do Euro	2,1	0,9	-0,1	0,2
Japão	1,4	1,3	0,1	0,3
Coréia do Sul	4,9	3,4	3,2	1,9
Mercados Emergentes	6,5	4,5	4,3	3,3
China	12,4	11,3	8,8	8,3
Índia	7,4	4,0	6,7	6,1
Brasil	3,4	0,8	2,7	1,1
México	2,5	0,7	1,8	-0,5
Rússia	6,8	5,5	1,7	1,7
Novos emergentes	11,2	8,3	7,0	4,6
Mianmar	12,8	10,7	8,5	6,8
Camboja	9,7	6,0	5,9	3,1

Estrutura de custos do mesmo produto

DESCRIÇÃO	ALEMANHA	BRASIL	VAR %
1 - Custo total * (4+5)	122,0	137,4	+12,6
2 - Custo de materiais sem impostos	53,5	76,3	+42,6
3 - Custo de pessoal com leis sociais	42,3	29,8	-29,6
4 - Custo de Produção *(2+3)	95,8	106,1	+10,8
5 - Outros custos	26,2	31,3	+19,5

Elementos para aumento da produtividade

O mesmo estudo da ABIMAQ indica os fatores para aumento da produtividade do trabalho.



As bases da aliança estratégica para melhoria da produtividade do trabalho

Premissas

- Todo programa de produtividade deverá visar a sua melhoria através do aumento da produção.
- Jamais pela redução numérica do quadro de trabalhadores, admitidas substituição de funções.

Condições essenciais:

- Para aumentar a escala de produção, a empresa brasileira não poderá ficar limitada ao mercado interno, devendo ampliar as suas vendas para todo o mercado continental ou mundial.
- Para se tornar mais competitiva a empresa precisa investir física e operacionalmente em tecnologia o que provoca a redução da necessidade de trabalhadores para uma mesma produção.
- Por isso, a ampliação de vendas buscando o mercado mundial é a condição essencial para a melhoria da produtividade.

Obstáculos no confronto capital-trabalho

Há um falso problema em relação aos custos do trabalho e dos chamados encargos sociais.

Como demonstrado o custo final do trabalho do Brasil não é superior ao de outros países concorrentes.

Os encargos sociais se decompõe em duas partes:

- Adicionais ao salário mensal (ou semanal) na forma de provisões;
- Encargos tributários e previdenciários (a parte do empregador).

Os trabalhadores lutam para não haver compressão dos adicionais salariais, caracterizados como benefícios.

Os empregadores tem a impressão de que estão pagando mais caros, porque sobre um salário base incidem diversos adicionais.

A saída

O foco das negociações sobre remuneração do trabalhador deverá migrar da visão de salário base + adicionais, para a visão de custo global do trabalhador.

Os aumentos reais devem estar relacionados com os aumentos de produtividade, dentro da seguinte distribuição:

- 1/3 para o trabalhador;
- 1/3 para o empregador;
- 1/3 para o consumidor, na forma de redução dos preços dos produtos.

A base de cálculo

O cálculo da produtividade deverá ser feita sobre o valor agregado e não sobre o faturamento.

Calculado sobre o valor agregado (ou adicionado) elimina-se a interferência do fator custo dos materiais.

Deve-se considerar ademais que o PIB é formado pela soma de todos os valores adicionados e não pela somatória dos faturamentos das empresas.

- O problema dos dados estatísticos é a defasagem da divulgação dos dados setoriais.

O confronto tecnologia x emprego

Para ganhar produtividade e competitividade as empresas industriais precisam investir fortemente em tecnologia, principalmente em automação e agora a robotização.

A modernização tecnológica enfrenta resistências dos trabalhadores porque substitui mão-de-obra por aparelhos (equipamentos ou instrumentos).

- Mas isso só ocorre nos casos em que se investe em tecnologia para uma mesma escala de produção.

Esse confronto só será superado com o aumento da escala de produção.

Com o aumento da escala de produção a indústria poderá introduzir tecnologia e ainda aumentar o seu quadro de trabalhadores.

- Ademais o aumento de escala é condição essencial para viabilizar economicamente os grandes investimentos em tecnologia.

As responsabilidades para o aumento do capital humano

A responsabilidade pela escolaridade ou formação da base de conhecimentos deverá caber ao Estado, através dos programas de educação formal, em todos os níveis (fundamental, médio e superior).

Os programas de especialização, em nível de pós-graduação (stricto ou lato sensu) deverão envolver parcerias público-privadas;

Os programas de capacitação específica deverão ser de responsabilidade das empresas.

A desagregação da cadeia de valor de recursos humanos qualificados

O ponto de partida será a especificação e quantificação (essa por estimativas) da necessidade de pessoal qualificado, nos diversos níveis.

- Deverá ser fruto de um estudo específico, considerando as tendências de inovações tecnológicas.
- Essa capacitação deverá ser conduzida pelas empresas demandantes,

O segundo estágio deverá ser da formação de técnicos e especialistas, em nível de pós-graduação, para os profissionais de formação universitária e cursos de especialização técnica, para os de nível médio.

O terceiro estágio deverá envolver a formação básica, tanto em nível universitário, como dos estudantes de nível médio.

Para esses os programas deverão indicar as necessidades de ajustes nos cursos formais.

Formulação e elaboração de um programa associado de capacitação

O programa deverá se basear em estratégias de longo prazo, alcançando todo os níveis do processo educacional.

Os programas deverão contemplar públicos específicos, como os do Pronatec e do FAT.

Deverão contemplar ainda as oportunidades para os jovens pobres, formados pelas escolas públicas e subsidiados por bolsas ou apoiados com financiamento nos níveis mais avançados.

A avaliação dos impactos da capacitação para a melhoria da produtividade.

Os programas de capacitação deverão ser acompanhados por mecanismos de avaliação, realizadas junto às empresas empregadoras.

Aumento da produtividade dos fatores

O terceiro fator que influi na produtividade é processo produtivo.

Esse envolve a interação entre os fatores físicos, humanos e tecnológicos.

O principal ganho de produtividade, a partir das experiências japonesas, posteriormente difundidas em todo o mundo, foi pela eliminação do retrabalho e dos desperdícios.

O planejamento dos processos é o ponto de partida, mas os avanços graduais sempre ocorrem a partir da experiência prática dos trabalhadores operadores dos processos.

A maior participação dos trabalhadores na melhoria dos processos é um dos elementos essenciais para os ganhos de produtividade.

A interação entre os fatores

A melhoria de produtividade não depende apenas de um dos fatores, mas da interação entre eles.

A base deve ser a introdução de equipamentos com avanços tecnológicos.

Para a adequada utilização desses equipamentos, deverão ser promovidos investimentos na formação básica de técnicos com a devida prontidão;

A formação básica deverá ser complementada por programas de especialização;

Complementarmente deverão ser promovidos investimentos para a capacitação específica na operação dos equipamentos.

Remuneração por ganhos de produtividade

A remuneração por produtividade é um elementos essenciais do processo.

Enfrentam forte resistência por parte dos trabalhadores, formados dentro da cultura de remuneração garantida por turno de trabalho.

A estratégia deverá ser de manutenção das remunerações básicas e adicionais por ganhos de produtividade.

Para isso será necessário definir clara e objetivamente os modelos e critérios de aferição da produtividade.

- O elemento inicial, já colocado anteriormente é o cálculo sobre o valor adicionado.
- Esse valor deverá ter uma demonstração contábil própria, segundo os padrões internacionais.

O papel do IAEUGT

O IAEUGT deverá ser um centro de geração e armazenamento de informações sobre a desindustrialização e reindustrialização.

Fará e publicará estudos setoriais sobre o comércio exterior, com foco na estrutura empresarial e nas estratégias das empresas.

O objetivo principal é mostrar como estão organizadas e funcionam as cadeias globais de valor, tanto na dimensão produtiva, como de suprimento.

O objetivo adicional é subsidiar:

- os empresários, nas suas estratégias de inserção nas cadeias globais de valor;
- Os trabalhadores para a proposição das suas pautas de negociação e reivindicação.

Produção de informações estratégicas

Um dos objetivos principais do IAEUGT, como um centro de estudos é mostrar que a globalização é caracterizada pela organização de cadeias globais gerenciadas pelas multinacionais, através das suas sedes, deixando poucos poderes com as direções regionais ou nacionais.

- E, que dada a diversidade de ação global, diante de eventuais dificuldades em determinado país, podem reduzir a sua produção ou até encerrar as atividades, passando a substituir a produção local por importações.

Com isso, os trabalhadores e os fornecedores nacionais, podem perder os seus empregos ou os seus fornecimentos, por decisões adotadas fora do país.

Produção de elementos de defesa

O IAEUGT, em parceria com outros centros de estudo, sejam de trabalhadores, de empresas ou acadêmicas deverá preparar informações, subsídios para estratégias de defesa contra eventuais ações predatórias das multinacionais.

Essas são de duas naturezas:

- Violação ao trabalho decente;
- Transferência unilateral e discricionárias de localização das suas atividades.



As ações de curto prazo

O programa da aliança deverá compreender o seguinte conjunto de ações imediatas:

1. Elaboração de estatísticas e estudos para subsidiar as ações de conscientização, tanto dos empresários como dos trabalhadores para os propósitos da aliança;
2. Realização de semanários e workshops para a difusão do entendimento e dos propósitos da aliança;
3. Fornecimento de subsídios aos parlamentares da frente de apoio, para proposição e defesa das medidas legislativas relacionadas com os propósitos da aliança;
4. Mobilização popular para a difusão e defesa dos propósitos;
5. Comunicação pela mídia, através de artigos, entrevistas e outros meios para explicação e difusão das medidas e dos propósitos.